2023

v.09 n.21

Imagens em manifesto: práticas políticas em narrativas contemporâneas

Ana Claudia França [1]
UTFPR

Ronaldo de Oliveira Corrêa [2]
UFPR

> Você pode me fuzilar com suas palavras,
> Você pode me cortar com seus olhos.
> Você pode me matar com seu ódio,
> Mas ainda, como o ar, eu vou me levantar [...]
> Maya Angelou

Nos últimos anos, as lutas por direitos sociais, civis e políticos têm se tornado espaço de conflitos que ultrapassaram os fóruns e instituições, para ocuparem as ruas. Nos diferentes países manifestações populares mobilizaram coletivos indígenas, negros, mulheres e LGBTQIA+, entre outros grupos caracterizados como minorias.

Essas manifestações, marchas, passeatas, mas também ocupações, ações de protesto e instalações, explicitam, de alguma forma, que a diferença e a individualidade, marcas da segunda metade do século XX, necessitam transformar-se pelo reconhecimento, reciprocidade e vinculação com o coletivo. Nessa articulação necessária, indivíduos e comunidades passam a ocupar de forma fragmentária o espaço público, explicitando os limites das perspectivas liberais, globais, multiculturais (HALL, 2003).

Vivemos, desde 2018, no campo da política, uma virada à direita ultraliberal, cuja ação mais evidente foi reduzir, sistematicamente, a participação popular nas discussões sobre temas urgentes como o meio ambiente, a educação, a saúde e a segurança. Essa perspectiva reforça a ideia de que vivemos a democracia como um espaço heterogêneo de luta contínua, dito de outra forma, uma estrutura de negociação democrática agonística (MOUFFE, 2005).

Diferente das manifestações políticas do século XX, onde a presença e ocupação de ruas e monumentos marcaram a presença coletiva nos registros imagéticos, no XXI outros regimes visuais emergem, as intermídias, que utilizam da internet como veículo de difusão, são acionadas e acionam ações coletivas. O registro documental não é mais o meio e a forma de mostrar essas mobilizações. Percebemos que as manifestações políticas ativam as imaginações presentes nas formas expressivas contemporâneas como as performances e instalações,

cujo questionamento a respeito da eliminação da diferença entre arte e vida, converte-se em crítica à cultura racista e eurocentrada (PAGLIA, 2014). E exigem que a ação expressiva e seu registro se convertam em espaço de e para a manifestação. Sobretudo, essas manifestações enunciam uma forma distinta de fazer política, que envolve formas expressivas como estratégia para alcançar o sensível de outras e outros sujeitos-cidadãos.

Interpeladas por esses apontamentos, como entrada neste número da Fotocronografias, convidamos a Dra. Raíza Ribeiro Cavalcanti, professora da Universidade de Santiago de Chile (USACH), para problematizar as questões formuladas e apresentadas anteriormente. O texto Imagens dissidentes: a persistência do desejo na construção de imaginários heterodoxos, nos provoca a refletir sobre a produção de imaginários, que as imagens em mobilizações políticas coletivas acionam ao vivermos eventos como o estalido social no Chile. Seu argumento está em diálogo com autores como Didi-Huberman, Mignolo e Castoriadis, a respeito das configurações das sociedades contemporâneas em contextos coloniais.

Nesse espaço de produção dos imaginários e de ocupação do espaço urbano, Júlio Teodoro da Costa nos apresenta as formas de ação da Bloca, um coletivo feminista. Ela pode, Ela vai: a atuação urbana de um coletivo feminista em Curitiba-PR, explicita que a política está nos corpos e na ação desses corpos na cidade. A presença em-corpa palavras de ordem que são, agora, cantadas em versões de músicas de carnaval e da cultura popular.

A rua, nos pareceu ser o espaço privilegiado para as imagens dissidentes, como caracterizou Raíza Cavalcanti no texto de entrada. Bianca Caroline Orsso e Luciana Martha Silveira, em A rua e a Galeria: acionamentos e transposições de um evento de lambe-lambe, problematizam os acionamentos que o mural da artista Bruna Alcântara produziu em espaços institucionalizados e nas ruas de Goiânia (Goiás). As autoras argumentam que o trabalho produz uma discussão política sobre o corpo feminino, a maternidade e a violência patriarcal e machista, debate que ganhou força com a destruição e reconfiguração do mural, uma vez instalado no espaço urbano.

Outras ruas foram espaços de reflexão sobre a produção de imaginários das manifestações políticas. Lisabete Coradini, no texto A greve Feminista na Catalunha, a partir de uma etnografia de rua em Barcelona, nos provoca a visualizar como os coletivos de mulheres estão a produzir as paisagens das mobilizações, como mais uma camada a ser visualizada, e sobreposta, no espaço urbano. Veremos essa produção da paisagem em outros lugares nesse número. Essa errância não é linear mas sim situada em trânsitos e deslocamentos fragmentados.

Outro aspecto que se conecta ao tema proposto para esse número, são as cartografias. Em um exercício de imaginação, a produção de cartografias converte-se ela mesma em uma imagem que deflagra sua ilusão. Nesse movimento de produção de imagens em ação, Ariadne Grabowski, no Imagens e Levantes em Curitiba: uma cartografia das intervenções urbanas, pressiona a ideia de mapa. A autora nos convida a vagar pela cidade, a olhar para as pequenas ações anônimas sobrepostas aos equipamentos urbanos, muros e postes, e com isso, produzir um percurso das resistências políticas. Ao traçar percursos, a autora interpela a fatura dos mapas e sua ilusão de realidade.

Na deambulação, os trânsitos acionados são de idas e vindas. Luciana Ceschin e Virgínia Tiradentes Souto, estabelecem o circuito-ideia articulada àquela de cartografia-entre Brasília D.F. e Santiago do Chile. No texto Tradicional e Rebelde: o bordado e a arte têxtil nas visualidades das marchas do 8M em Brasília e Santiago do Chile, perseguindo as ações feministas do 8M naquelas cidades, em temporalidades distintas, as autoras se dedicam àquelas manifestações que estão vinculadas às práticas expressivas associadas às mulheres. São superfícies têxteis, bandeiras, faixas e bordados que, uma vez registradas, produzem outra paisagem da manifestação. Nas imagens que estão a acionar visualidades adensadas pelo trabalho, a presença do corpo tece e relata as violências, na forma de registros, documentos e memórias.

A rua é protagonista ao pensarmos as manifestações, todavia outras perspectivas desse lugar nos é apresentada por Fernanda Rios e Marilda Lopes Pinheiro Queluz: olhar pelas janelas para as empenas cegas dos prédios, onde as palavras de ordem foram projetadas de maneira incomensurável. Em Projetemos: das janelas à ação, as autoras nos lembram que há pouco tempo estávamos em isolamento social, e o mundo era um lugar estranho. Justo nesse momento, as mobilizações políticas transformaram-se, explicitando que as práticas expressivas de produção e uso das imagens se tornaram centrais para as diferentes resistências, sejam elas éticas, mas também imaginativas.

Nesse jogo entre espaços e escalas, de volta às ruas, Kando Fukushima, em “Lugar de mulher é na Luta” e outros cartazes, por meio de uma série de imagens fotográficas realizadas entre 2016 e 2023 em Curitiba e São Paulo, nos apresenta como as agendas de diferentes grupos feministas e de mulheres se apresentam de forma gráfica e expressiva. Isso na ação de mobilizar nosso sensível para temas como os direitos reprodutivos e a violência doméstica.

Ramon José, em Uma Lente Sobre a Justiça: registro visual das manifestações indígenas contra o marco temporal em Brasília, aciona outras ruas-as mesmas ocupadas por mulheres, no texto de Ceschi e Soto -, e outros sujeitos históricos: as comunidades indígenas. O autor explicita as ações que constituem a paisagem urbana, em sua visualidade, atravessada pela presença étnico-racial. São plurais as agendas e formas de ocupação, assim como são múltiplas suas expressões e ações. A discussão do Marco Temporal-tese jurídica que restringe os direitos territoriais de povos indígenas-é um tema central para as comunidades indígenas brasileiras. Em vista disso, a potência das imagens produzidas por esses grupos nos provoca a refletir sobre as violências produzidas pelo Estado, assim como, sobre as imagens que são realizadas e circulam sobre esses coletivos e suas demandas políticas por direitos sociais, políticos e civis.

Em mais um deslocamento, não somente espacial ou de escala, mas de perspectiva, Raquel Barros, nos apresenta sua experiência ao participar de manifestações feministas em Paris na França. A pesquisadora apresenta-se como uma flâneuse-termo que atravessa a modernidade e que marca a experiência subjetiva em cidades-metrópoles -, e narra visualmente o contato com esses eventos. Sua experiência é atravessada por cores, palavras, barulhos produzidos no momento de estar presente. Nesse envolvimento sensível, temas como a violência são mobilizadores da reflexão da autora. Resultam dessa experiência vivida no corpo-a-corpo da manifestação a solidariedade e a potência para acionar outros modos de viver e estar em estado de levante.

De Paris para Iguape-SP, em algumas páginas. Esse efeito de descontinuidade é proposital. Paulo Cesar Franco e Vinícius Oliveira, no texto Paredes-Manifesto: despir colonialidade, vestir outr[i]cidade, nos convidam a conhecer a produção de outras paisagens, essas implicadas nos imaginários coloniais e patrimoniais e em tensão com o contemporâneo. Os autores elaboram um inventário das ações muralistas executadas por uma artista local, ela mesma, dissidente e, por meio desse procedimento, produzem a reflexão sobre as margens e suas relações com os centros,a partir de ideias como a colonialidade, cotidiano e arte.

Yuri Gabriel, no texto Corpo-a-corpo com a fotografia: arte e ativismo político, por meio de sua experiência de fotografar movimentos sociais, nos conduz à reflexão sobre a articulação entre arte e política. Estar dentro da cena, usar a fotografia analógica, repetir enquadramentos e usos da luz, por fim, encenar a objetividade, são gestos apresentados pelo autor como desvios. De fato, ele pretende nos provocar o envolvimento sensível com as agendas desses movimentos sociais, para com isso, produzir imaginários possíveis de outra sociedade. Yuri nos alerta que a política está implicada na produção expressiva, e que a arte, se há arte, é política.

Por fim, nesse trajeto rompido, sem ordenamento-ou linearidade -, somos lançados (como metáfora, mas também como percepção), à precariedade das imagens apagadas. Lembrar também é esquecer. Karina Rampazzo, no Passagens, Imagens e Apagamentos, de forma sensível e desconcertante, nos leva a pensar a imagem como esquecimento. Os rastros que ela cartografa, das ruas que passa, são impossibilidades, fracassos. Todavia, é Didi-Huberman (2018) que nos alerta, todo fracasso explicita a necessidade de novos levantes. Dito de outra forma, as imagens de rastros em degradação, nos impulsiona a encarar as manifestações como formas de produção de espaços (ruas), lutas e imaginários. Nada mais potente na produção de possibilidades do que as memórias e os esquecimentos.

Ao chegar ao final, sobrevive uma ideia, a saber, as imagens em movimentos enunciam uma forma distinta de fazer política. Uma política atravessada pelas expressividades de corpos e subjetividades, de materiais e imaginações, em um contínuo (re)fazer-se presente, produzir imagens, construir paisagens. Nesta edição da Fotocronografias explicitamos o desejo de movimento, de trocas de afetos e saberes, de estimular o sensível para capturar a atenção e solidariedade. De alguma forma, entendemos que respondemos algumas das perguntas formuladas ao propor o dossiê (SAMAIN, 1998), em especial, aquela que nos interpelava de forma axiológica: as imagens (mediações imagéticas) em movimentos, podem propor uma reflexão crítica a respeito dos modos de apreender as práticas e manifestações políticas das sociedades contemporâneas? Reflexivamente, respondemos que sim! Primavera, 2023.

Referências

HALL, Stuart. A Questão Multicultural. IN: HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. pp. 51–100.

MOUFFE, Chantal. POR UM MODELO AGONÍSTICO DE DEMOCRACIA. Revista de Sociologia e Política, [S.l.], n. 25, nov. 2005. ISSN 1678–9873. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/7071/5043>. Acesso em: 12 jan. 2022.

PAGLIA, Camille. Pé na Estrada. 100 botas, de Eleanor Antin. IN: PAGLIA, Camille. Imagens Cintilantes: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

SAMAIN, Etienne. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas Ciências Sociais. IN: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais. Campinas, SP: Papirus, 1998. pp. 51–62.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Levantes-Exposição. IN: SESCSP. Levantes. São Paulo, 2018. Catálogo de Exposição.